

## DITADURA MILITAR

## “É um filme sobre resistência”

Um dia após conquista do Oscar, Fernanda Torres, Walter Salles e Selton Mello enfatizam o impacto do prêmio para o combate ao autoritarismo

» VICTOR CORREIA

Estrela de *Ainda estou aqui*, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional, a atriz Fernanda Torres avalia que a obra representa a transmissão de uma experiência sobre como resistir a um dos períodos mais difíceis da história brasileira, a ditadura militar.

Fernanda comentou ontem sobre o resultado da cerimônia do Oscar, na qual o longa levou a estatueta de Melhor Filme Internacional. Além da atriz, o diretor Walter Salles e o ator Selton Mello refletiram sobre o impacto da vitória para a cultura brasileira, para a memória sobre a ditadura e para o combate ao autoritarismo, mesmo nos dias atuais.

“A gente tem de pensar que esse é um filme sobre transmissão de uma experiência. A minha mãe é da mesma geração da Eunice Paiva, são duas mulheres que viveram um período muito terrível no Brasil — no mundo, que é a Guerra Fria — e elas criaram filhos que depois foram capazes de escrever livros, de atuar”, afirmou, em entrevista ao *Jornal Nacional*, da TV Globo.

Na obra, ela interpretou Eunice Paiva, esposa do engenheiro e ex-deputado federal Rubens Paiva, morto em 1971 por agentes da ditadura. O filme é baseado no livro de mesmo nome, escrito pelo filho do casal, Marcelo Rubens Paiva, e recebeu três indicações ao Oscar: Melhor Filme Internacional, Melhor Filme e Melhor Atriz, para Fernanda.

O diretor Walter Salles é amigo de Ana Lúcia Paiva, a Nalu, filha de Eunice e Rubens Paiva, desde os anos 1970, e frequentou a casa da família, retratada no filme, antes do assassinato do deputado.

Fernanda comparou a relação entre gerações que o filme representa com a carreira de sua mãe, a também atriz Fernanda Montenegro, que interpretou Eunice Paiva no filme, com mais idade e já sofrendo os efeitos do Alzheimer. Montenegro foi a primeira

Reprodução TV Globo



Fernanda, com Walter e Selton: “Que filme farão daqui a 50 anos sobre a nossa resistência ao autoritarismo, aos movimentos antidemocráticos?”

brasileira a concorrer ao Oscar de Melhor Atriz, em 1999, mas não venceu o prêmio.

“De certa forma, eu levo o legado da minha mãe adiante, e fico pensando nas crianças que estão vivas hoje. Que filmes elas farão daqui a 50 anos sobre a nossa resistência ao autoritarismo, aos movimentos antidemocráticos, à anticultura? Então, eu acho que é um filme sobre a transmissão e a resistência ao longo do tempo”, destacou a atriz.

Da mesma forma, Walter Salles ressaltou que Eunice enfrentou a ditadura militar e “é uma mulher que mostra um caminho para o dia de hoje, ilumina

uma possibilidade para a gente resistir hoje”.

## Emoção

Ele enfatizou, ainda, a importância de se levar a cultura brasileira para o exterior, mostrando ao mundo a literatura e a música do país. Disse ter ficado emocionado com a mistura da celebração do Oscar com o feriado do carnaval. “De alguma forma, isso acabou se misturando com a cultura que está sendo feita agora no carnaval brasileiro, essa cultura popular, potente. E tudo isso vira uma coisa só. Quando a gente saiu e viu as imagens da rua, a

gente ficou completamente apaixonado por isso, e é emoção à flor da pele”, comentou o diretor.

A atriz citou que, ao promover o filme, na campanha para o Oscar, sentiu como se representasse todo o país. “Não era um filme que tinha um grande budget (orçamento) de lançamento. O que a gente fez durante esse período foi conversar. Eu me senti — acho que todos nós — como representante do Brasil no mundo. E acho que esse filme apresenta ao mundo o melhor que o Brasil tem, que é uma afetividade, um calor humano, um estar no mundo.”

Já para Selton Mello, que interpretou Rubens Paiva na obra,

a proximidade de Salles com a família Paiva foi essencial para passar ao espectador a sensação de união e proximidade entre os familiares. “A gente confiava muito nesse olhar sensível do Waltinho, de como ele conduz o cinema dele, e a gente sabia que daria um filme lindo contando essa história. E nós vivemos, de fato, como uma família por um período grande”, comentou.

Questionada sobre o que fará agora, após a premiação do Oscar, Fernanda brincou: “Dormir. A gente está igual maratonista no fim daquela Olimpíada. Chegando ao fim feliz da vida. Mas eu vou dormir, né?”

## Direita em silêncio

» ISRAEL MEDEIROS

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus familiares não deram qualquer declaração pública sobre a premiação de *Ainda estou aqui* no Oscar.

O vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) se limitaram a compartilhar críticas de apoiadores do pai à vitória do filme na premiação. Um post compartilhado por Carlos criticava o fato de os “esquerdistas” comemorarem uma premiação dada a um diretor herdeiro de banqueiro, referindo-se a Walter Salles, que tem participação de 33% no Banco Itaú.

Embora a maior parte dos políticos de direita tenha seguido o caminho da família Bolsonaro e silenciado sobre o Oscar, houve congressistas do PL que comemoraram e foram duramente criticados por seguidores. Caso do senador Carlos Portinho (PL-RJ). Em um post no seu perfil do X (ex-Twitter), disse que o Brasil “é um só” e que “cultura e política não devem se misturar”.

“Minha vida e a história da minha família estão intimamente ligadas ao setor por décadas. A cultura é uma política de Estado e não deve ter lado, sendo a identidade da nossa nação. Não pertence a um grupo político. Não queiram se apropriar”, afirmou. “Deixemos a política para os políticos, e o prêmio do cinema vai para a nossa cultura e os seus personagens.” Ele não mencionou que os “personagens” são pessoas reais, que foram perseguidas, torturadas e mortas (no caso do ex-deputado Rubens Paiva) pela ditadura militar.

Nos comentários da postagem, Portinho recebeu críticas e elogios. A maioria dos comentários foi hostil. Seguidores se disseram decepcionados com o congressista porque, segundo eles, o filme “foi politizado”. Outros afirmaram que a história retratada foi fantasiosa.

As provas do sequestro, da tortura e do assassinato de Rubens Paiva, no entanto, são públicas. Além dos relatos da Comissão Nacional da Verdade, em 2012, o Estado brasileiro reconheceu, no último mês, que foi o responsável pela morte de Paiva.

Depois das críticas, Portinho fez um novo post, acenando aos bolsonaristas. Defendeu a anistia aos presos pelo 8 de Janeiro e destacou que, no Brasil, há presos políticos e “concentração de poderes na mão de um tirano”.

O deputado Bibó Nunes (PL-RS) é outro que havia comemorado, em suas redes sociais, a vitória de *Ainda estou aqui*. Depois de ser criticado por seguidores, voltou atrás e apagou a postagem. Na sequência, publicou um post levantando dúvidas sobre o financiamento do filme.

Ao longo de sua longa trajetória política, Bolsonaro fez uma série de discursos elogiando a ditadura. Quando era deputado federal, tinha, em uma parede de seu gabinete, as fotos dos cinco presidentes da ditadura militar.

Em 2016, Bolsonaro homenageou, durante seu voto pelo impeachment de Dilma Rousseff (PT), o falecido coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, a quem chamou de “o pavor de Dilma Rousseff” (a ex-presidente foi presa e torturada pela ditadura na década de 1970). Ustra foi responsável pelo Destacamento de Operações de Informação — Centro de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi), criado em 1969, que torturou e matou civis acusados de serem inimigos do regime até 1984. O militar nunca admitiu as mortes.

Agora, Bolsonaro enfrenta um processo que pode resultar em sua condenação e prisão por liderar uma tentativa de golpe de Estado.

## Mansão deve virar centro de cinema

» BIANCA LUCCA

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciou que a casa onde foi gravado o filme *Ainda estou aqui* será transformada em um museu. Segundo ele, a prefeitura comprará o imóvel para torná-lo a Casa do Cinema Brasileiro. A decisão será publicada em edição extra do Diário Oficial do Rio.

“Vamos tornar público e abrir para visitação o espaço que trouxe o primeiro Oscar do Brasil em quase 100 anos da premiação”, publicou Paes nas redes sociais. “Faremos da casa onde foi gravado o filme um lugar de memória permanente da história de Eunice Paiva e sua família, da democracia, e ainda uma homenagem às duas grandes mulheres que orgulham o Brasil e deram vida a ela — Fernanda Torres e Fernanda Montenegro.”

A história do Brasil no Oscar ainda estará disponível em exposições interativas no local, antecipou o prefeito. Além disso, na casa, funcionará a nova sede da Rio Film Commission, para estimular mais produções do cinema brasileiro e premiações internacionais.

“E, para não deixar dúvidas: a Casa do Cinema Brasileiro vai estar pronta para receber a nossa primeira estatueta. Quem sabe ela não vem morar aqui? Nós vamos sorrir”, acrescentou o prefeito. Pela tradição da categoria, a estatueta não fica com o diretor do filme, Walter Salles, para quem é entregue o prêmio durante a cerimônia do Oscar. Ela se torna posse do país que o longa representa.



**Faremos da casa onde foi gravado o filme um lugar de memória permanente da história de Eunice Paiva e sua família, da democracia, e ainda uma homenagem às duas grandes mulheres que orgulham o Brasil e deram vida a ela — Fernanda Torres e Fernanda Montenegro”**

**Eduardo Paes**, prefeito do Rio de Janeiro

## À venda

A casa do filme não é a mesma onde vivia a família Rubens Paiva, que já não existe mais. O imóvel à venda foi aquele escolhido pela produção do longa por conta da proximidade estética com a propriedade original.

A mansão está localizada na esquina da Avenida João Luiz Alves com a Rua Roque Pinto e está à venda por R\$ 13,9 milhões.

Localizado na Urca, bairro da zona sul da cidade, o imóvel de 500m<sup>2</sup> se tornou um cartão-postal do Rio. Além de ambientar um dos filmes brasileiros mais importantes da década, o imóvel se destaca pela arquitetura e pela vista privilegiada.

Tomaz Silva/Agência Brasil



Localizado na Urca, bairro da Zona Sul da cidade, o imóvel tornou-se um cartão-postal do Rio de Janeiro

Da casa, é possível observar a Baía de Guanabara, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor — três pontos turísticos significativos da capital carioca. A propriedade também conta com cozinha planejada, piscina aquecida, terraço privativo e até elevador.

A jovem Lívia Savini, que morou na mansão com a família, antes de o local se transformar na locação para o longa com Fernanda Torres, tem publicado vídeos caseiros para revelar o ambiente por outro ângulo.

Lívia compartilhou uma série de vídeos em seu perfil no TikTok, mostrando que a casa passou por algumas adaptações, a fim de se adequar ao período

histórico do longa de Walter Salles e ficar mais parecida com a antiga residência da família Paiva, que era localizada no Leblon.

## Cemitério

Em São Paulo, no domingo, o Cemitério Araçá recebeu uma edição especial do projeto Araçá e Suas Vozes. A atividade propôs uma visita mediada ao túmulo de Eunice Paiva, destacando sua trajetória e o impacto da ditadura militar no Brasil.

A proposta retrata o passado e a cultura da cidade por meio de personalidades sepultadas no local. Eunice, casada com o ex-deputado Rubens Paiva — morto pelo regime em 1971 —,

**R\$ 13,9 MILHÕES**

Valor do imóvel, que está à venda

tornou-se um símbolo da resistência contra a repressão.

Além de enfrentar a perseguição política, destacou-se como advogada na defesa dos direitos indígenas, construindo um legado que segue relevante até os dias de hoje. **(Com Agência Estado)**